

Rádio no Brasil

100 Anos de História
em (Re)Construção

Vera Lucia Spacil Raddatz
Marcelo Kischinhevsky
Debora Cristina Lopez
Valci Zuculoto
(Organizadores)



COLEÇÃO

Linguagens



Editora UNICLI

©2020, Editora Unijuí

Editor

Fernando Jaime González

Diretor Administrativo

Anderson Konagevski

Capa

Alexandre Sadi Dallepiane

Imagem da capa

freepik.com

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa

**Editora Unijuí da Universidade Regional
do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
(Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)**



Rua do Comércio, 3000
Bairro Universitário
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil



(55) 3332-0217



editora@unijui.edu.br



www.editoraunijui.com.br



fb.com/unijuieditora/



Associação Brasileira de Pesquisadores
de História da Mídia

Catálogo na Publicação:

Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

R129

Rádio no Brasil [recurso eletrônico]: 100 anos de história em (re) construção / organizadores Vera Lucia Spacil Raddatz ... [et al.]. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2020.

1 pdf. - (Coleção linguagens).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

E-book.

ISBN: 978-65-86074-16-1

1. Rádio. 2. História. 3. Brasil. 4. Radiofonia. 5. Radiofusão pública. I. Raddatz, Vera Lucia Spacil. II. Título. III. Título: 100 anos de história em (re) construção. IV. Série.

CDU : 654.195(81)

Bibliotecária Responsável:

Aline Morales dos Santos Theobald
CRB10/1879

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Proposta: Esta Coleção destina-se a publicações voltadas para a discussão das linguagens nos diferentes campos do conhecimento, relacionados aos cursos do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação – Dacec – na sua interlocução com outras áreas. Tem como objetivo publicar textos que reflitam sobre as linguagens, a educação e a comunicação, a gestão, as transformações tecnológicas e as interlocuções de saberes na sociedade contemporânea.

Temáticas: Linguagens, educação e comunicação; cultura e identidade; sociedade digital; mídias e tecnologias; criatividade e negócios; gestão, marketing e empreendedorismo.

Conselho Editorial

Adair Bonini (UFSC)
Ana Cristina Matte (UFMG)
Angela Maria Zamin (UFSC/Cesnors)
Beatriz Mariz Maia de Paiva (University of Essex)
Carlos Gustavo Martins Hoelzel (UFG)
Carlos Rafael Luis (UBA)
Cicilia Krohling Peruzzo (Uerj)
Claudia Luiza Caimi (UFRGS)
Cleudemar Alves Fernandes (UFU)
Debora Cristina Lopez (Ufop)
Eugenio Andrés Díaz Merino (UFSC)
Freda Indursky (UFRGS)
Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia (UFPR)
Gilvan Müller de Oliveira (UFSC)
Iriro Iida (UNB)
Jean-Marc Dewaele (University of London)
Júlio César Araújo (UFC)
Karla Maria Muller (UFRGS)
Kenny Basso (Imed)
Leda Verdiani Tfouni (USP)
Lucia Rottava (UFRGS)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Luis Riffó Pérez (Ilpes-Cepal)
Maria Teresa Celada (USP)
Marcela Guimarães e Silva (Unipampa)
Marcos Paulo Dhein Griebeler (FACAAT)
Marcos Silva Palacios (Ufba)
Maria Ivete Trevisan Fossa (UFSC)
Maria Onice Payer (Univas)
Marilei Resmini Grantham (Furg)
Monica Fantin (UFSC)
Nelia Rodrigues Del Bianco (UnB)
Roberto Leiser Baronas (Ufscar)
Sirio Possenti (Unicamp)
Solange Leda Gallo (Unisul)
Valdir Nascimento Flores (UFRGS)
Volnei Antonio Matté (UFSC)

Comitê Editorial

Airton Adelar Mueller
Fernando Jaime González
Lurdes Marlene Seide Fröemming
Vera Lucia Spacil Raddatz

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Um século de rádio no Brasil: o desafio dos pesquisadores..... 7
Marialva Barbosa

APRESENTAÇÃO 11
Ana Regina Rêgo

PARTE 1 – Radiofonia em Construção: os pioneiros

UMA (RE)ESCRITA DA HISTÓRIA DO RÁDIO 16
*Vera Lucia Spacil Raddatz, Marcelo Kischinhevsky,
Debora Cristina Lopez, Valci Regina Mousquer Zuculoto*

AMADORES DA TELEGRAFIA SEM FIO

Um século de pioneirismo, radiofonia e implicações
políticas da Rádio Clube de Pernambuco PRA-8..... 26
Adriana Santana, Ana Veloso, Paula Reis Melo

INTELECTUAIS DA RADIODIFUSÃO NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ESPECIALIZADA:

A Configuração do Campo Radioeducativo
na Cidade do Rio de Janeiro (1920)..... 43
*Luciana Borges Patroclo, Cintia Oliveira Conceição,
Fernando Rodrigo dos Santos Silva*

A REDE VERDE-AMARELA, O PIONEIRISMO

ESQUECIDO DA FAMÍLIA BYINGTON 62
Marizandra Rutilli

O INÍCIO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO BRASILEIRO:

As Transmissões Pioneiras..... 79
Carlos Gustavo Soeiro Guimarães

PARTE 2 – Espetáculo Massivo de Influência Política

ENTRE A OPINIÃO E A PANFLETAGEM,
A CRÔNICA PASSEIA PELO COTIDIANO 97
João Batista de Abreu

DE ABELARDO BARBOSA A CHACRINHA: O Papel do Velho Guerreiro Como Comunicador de Rádio	118
<i>Luiz Artur Ferrareto</i>	

PERMANÊNCIAS E MUTAÇÕES DA ORALIDADE NOS PRIMEIROS JINGLES RADIOFÔNICOS BRASILEIROS.....	137
<i>Fernanda Vasques Ferreira, Rafiza Varão</i>	

MAPEAMENTO DAS EMISSORAS DE RÁDIO E GRAVADORAS ENVOLVIDAS NA PRODUÇÃO DE COLETÂNEAS DE SUCESSOS INTERNACIONAIS NOS ANOS 70.....	152
<i>Johan Cavalcanti van Haandel</i>	

PARTE 3 – Educativo, Comunitário, Universitário: pluralidade no campo da radiodifusão pública

A RÁDIO DA UNIVERSIDADE ENTRE AS DÉCADAS DE 60 E 70: A Consolidação do Perfil Cultural e de Programação	170
<i>Cida Golin, Ana Laura Colombo de Freitas</i>	

PERCURSOS PIONEIROS DO WEBRÁDIO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL E OS 20 ANOS DA RÁDIO PONTO UFSC.....	188
<i>Valci Regina Mousquer Zuculoto, Karina Woehl de Farias Guilherme Gonçalves Longo</i>	

A VOZ DO BRASIL: A Adoção de Formatos Radiojornalísticos Pelo Programa Oficial ao Longo de Seus 85 Anos	203
<i>Luciana Paula Bonetti Silva</i>	

A HISTÓRIA DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO BRASIL. Pontos e contrapontos de lutas históricas pela democratização da comunicação	219
<i>Orlando Maurício de Carvalho Berti</i>	

PARTE 4 – A Que Rádio Chegamos? Os desafios do digital

PODCAST: Modos Narrativos que Apontam Tensões Entre a Liberdade de Criar, de Escutar e de Monetizar.....	238
<i>João Alves, Nair Prata, Sônia Caldas Pessoa</i>	

RÁDIO E PODCAST JORNALÍSTICOS BRASILEIROS: Aproximações e Afastamentos Entre a Mídia Tradicional e o Novo Formato de Produção e Consumo de Áudio	256
<i>Nivaldo Ferraz, Daniel Gambaro</i>	

ARQUIVOS DIGITAIS E MEMÓRIA EM RÁDIOS EDUCATIVAS: Estudo de Caso da Rádio Ufop Educativa	275
<i>Debora Cristina Lopez, Marcelo Freire, Gláucio Antônio Santos</i>	

PARTE 5 – Cartografias da Radiodifusão

O CAIPIRA QUE VOS FALA: A História do Rádio em Goiás dos Alto-Falantes às Emissoras Profissionais (1920-1980).....	291
<i>Rosana Maria Ribeiro Borges, Ricardo Pavan</i>	

RÁDIOS CIPÓS: Experiências Analógicas em Três Cidades Pequenas do Maranhão	309
<i>Sonia Virgínia Moreira, Thays Assunção Reis</i>	

RÁDIO E PODER POLÍTICO NO MARANHÃO, UMA HISTÓRIA DE 78 ANOS (1941-2019)	323
<i>Izani Mustafá, Nayane Brito</i>	

DO REGATÃO ÀS ONDAS SONORAS: O Rádio Ainda Integrando a Amazônia.....	338
<i>Luciana Miranda Costa, Patricia Teixeira Azevedo Wanderley</i>	

PANORAMA DA HISTÓRIA DO RÁDIO NO PARÁ: Um Estudo Exploratório das Rádios AMs	352
<i>Netília Silva dos Anjos Seixas, Leonardo Santana dos Santos Rodrigues, Jessé Andrade Santa Brígida</i>	

DO CORONELISMO À WEB: Panorama do Rádio no Sul da Bahia.....	370
<i>Eliana Albuquerque</i>	

O RÁDIO EM MATO GROSSO DO SUL: Um Resgate Histórico das AMs que Nasceram no Antigo Mato Grosso Uno.....	388
<i>Hélder Samuel dos Santos Lima, Aline de Oliveira Silva, Daniela Cristiane Ota</i>	



A RÁDIO DA UNIVERSIDADE ENTRE AS DÉCADAS DE 60 E 70: A Consolidação do Perfil Cultural e de Programação

Cida Golin¹

Ana Laura Colombo de Freitas²

Nascida nos fundos da Escola Eletrotécnica, a Rádio da Universidade acabara de conquistar um prédio próprio quando os Jogos Mundiais Universitários movimentaram Porto Alegre, em 1963, e chamaram a equipe para sua primeira saída a campo. A rádio foi escolhida como a emissora oficial do evento *Universiade*, e encarou o desafio de uma cobertura esportiva, fazendo transmissões diretamente dos locais das competições durante dez dias. Montou-se uma verdadeira força-tarefa, com engajamento de todos os funcionários e colaboradores externos. Com o apoio de tradutores para diferentes línguas, foram produzidos boletins amplamente difundidos por meio das ondas curtas da Guaíba, que cedeu 30 minutos diários em sua programação noturna. O resultado foi uma “magnífica cobertura radiofônica”, na avaliação da Revista do Globo (Pinho *et al.*, 1963, p. 47).

Carregando o *slogan* de primeira rádio universitária do Brasil, a emissora inaugurada em novembro de 1957 vinha na esteira de um efervescente contexto cultural vivido pela cidade e pelo país, quando a Universidade tomava para si a missão de expandir o diálogo com a comunidade (Golin; Freitas, 2019). Este texto dá seguimento à investigação anterior que buscou entender as condições culturais e o espírito de época

¹ Possui Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutorado em Linguística e Letras pela PUCRS. É professora no curso de Jornalismo e no curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. golin.costa@ufrgs.br

² Possui Graduação em Comunicação Social e Mestrado em Comunicação e Informação pela UFRGS. É servidora técnico-administrativa, com cargo de jornalista, na Rádio da Universidade (UFRGS). analaureafreitas@gmail.com



que fez a rádio emergir. Nesta etapa procuramos sistematizar dados sobre as primeiras décadas de sua atuação entre os anos 60 e início dos 70, período em que a rádio consolida seu perfil cultural e de programação. Vamos recorrer à pesquisa bibliográfica e às vozes registradas no arquivo da emissora, iluminando a perspectiva de profissionais que acompanharam os primeiros anos. Estas entrevistas foram concedidas durante as efemérides de 30 (1987) e 50 anos (2007) do veículo, além de uma nova gravação realizada em abril de 2019 com o crítico de cinema Hélio Nascimento. No horizonte da história cultural (Pesavento, 1999) buscaremos partir dos indícios encontrados nos depoimentos e na bibliografia para tecer relações entre a emissora e o sistema de cultura local, assim como observar fragmentos de seu percurso na trajetória da Universidade, particularmente do Instituto de Filosofia e do curso de Jornalismo, dos quais ela também é tributária.

Anos 60: educação a distância e novos desafios para o rádio

Em 1961, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), havia 530.964 receptores de rádio e apenas 14.302 aparelhos de televisão no Rio Grande do Sul. Ou seja, 52% dos mais de um milhão de domicílios recebiam transmissões sonoras das cerca de 90 emissoras instaladas no Estado. Este panorama mudaria radicalmente dez anos depois, quando o Ibope aferiu, em 1971, que havia 350 mil televisores, 65% deles na capital, ligados, sobretudo, das 20 horas às 22 horas (Ferraretto, 2007). Como os números apontam, ao longo da década de 60 o rádio perdeu protagonismo na sala de visitas e, possivelmente, aquela dimensão de escuta focada e contemplativa tão importante para a proposta de uma emissora jovem como a Rádio da Universidade. A popularização do transistor, porém, e dos famosos aparelhos japoneses da marca Spica, objeto de desejo dos ouvintes, fizeram com que o rádio reconfigurasse suas práticas. Aproximou-se do corpo do ouvinte, do ouvido do torcedor, da atenção distraída do cotidiano, das notícias da cidade.

Foi o período também em que a radiodifusão educativa ganhou impulso. No início daquela década, além da força crítica das escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB), o governo reservou frequências exclusivas para a mediação da educação a distância. Em



1962, a Rádio da Universidade Federal de Goiás recebeu outorga para o canal; em 63, foram concedidas licenças para a Rádio da Universidade Federal de Pernambuco e para a rádio da Escola de Engenharia de Itajubá, em Minas. No ano de 1969, a Cultura (1936) de São Paulo passa a transmitir dentro dos propósitos da Fundação Padre Anchieta (Blois, 2004, p. 156; Zuculoto, 2010).

Em Porto Alegre, após conquistar, em 1960, novas instalações no prédio histórico da rua Sarmiento Leite, antes ocupado pelo Instituto Regional Meteorológico, a Rádio da Universidade consolidava sua reputação como veículo de caráter educativo-cultural. Sua discoteca tornava-se uma referência para ouvintes que por intermédio dela cultivavam seu gosto pela música de concerto, ainda que a emissora também fosse acusada de elitista por veicular uma tradição de origem europeia. Naquele ano, particularmente, as polêmicas culturais movimentaram a provinciana capital, não apenas nas palavras de “marasmo cultural” com que o pintor Iberê Camargo tachou as artes locais. Na Universidade, a decisão final do Conselho Universitário impediu o encontro dos filósofos Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, durante sua visita ao Brasil, com a comunidade acadêmica porto-alegrense (Scarinci, 1982; Schirmer, 2000).

A rádio era um dos principais frutos da gestão de Elyseu Paglioli, ex-prefeito de Porto Alegre, que teve quatro mandatos sucessivos na Reitoria, entre 1952 e 1964. Nascera em 1957, em um período de abertura social da Universidade, com expressivo aumento do patrimônio imobiliário da instituição, remodelação e criação de órgãos de difusão e extensão cultural, como teatro, orquestra, coral e gráfica (Soares; Silva, 1992). A emissora surgia, assim, na esteira “de um verdadeiro caldeirão cultural” (Appel, 2007).

Até o final de sua primeira década de existência, no entanto, a emissora veria o cenário ao seu redor se transformar profundamente. Após o golpe militar de 1964, prisões e cassações fariam parte da rotina da Universidade, reprimindo o debate de ideias no meio acadêmico. Em 2 de abril daquele ano, a emissora participaria do movimento legalista de resistência, liderado por Leonel Brizola, recebendo um Grupo de Onze, formado por estudantes que assumiram as transmissões com o aval do comandante do 3º Exército, Ladário Telles, que apoiava Jango (Nascimento, 2019; Oliveira, 1994). Naqueles dias agônicos, o então deputado federal Leonel Brizola e aliados tentaram, sem sucesso, repetir via rádio

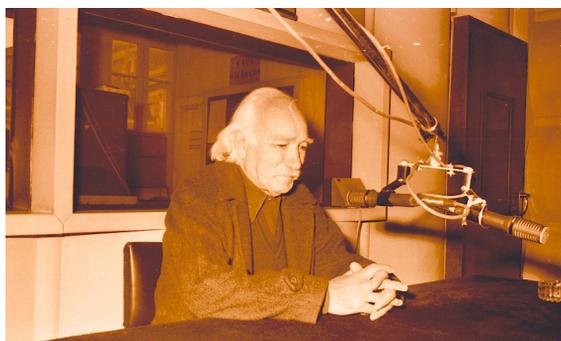


Mayrinck Veiga, rádio Nacional e outras, a campanha exitosa da Legalidade de 1961 pelo respeito às regras constitucionais e democráticas. Preca- vendo-se, no entanto, da reedição do levante sonoro, o governador Ildo Meneghetti, favorável aos militares, requisitou todas as rádios e TVs de Porto Alegre (Ferraretto, 2007, p. 127-128).

A formação da discoteca e a produção de conteúdo por especialistas

Aluno do curso de Letras, então vinculado à Faculdade de Filosofia, e ouvinte da rádio, Flávio Oliveira começou a colaborar com a emissora em 1964. Paralelamente à formação universitária, ele estudava música e atuava como compositor. “Eu propus que se fizessem programas de divulgação da música, levando um pouco mais que os comentários usuais que saíam nos jornais, contracapas de discos, etc.” (Oliveira, 2007). A proposta aliava-se ao programa “Mestres da Música Alemã”, do compositor Armando Albuquerque, figura essencial desde os primórdios da rádio, que exerceu especial influência para a definição do repertório da emissora. Mediante parceria firmada com o consulado da Alemanha em Porto Alegre, periódicas doações de discos tornavam-se conteúdo do programa e ajudavam na construção de uma discoteca referencial na área.

Figura 1 – O compositor Armando Albuquerque nos estúdios da Rádio da Universidade



Fonte: Arquivo da Rádio da Universidade

Com essa discoteca privilegiada e a presença de especialistas no assunto, a rádio se consagrava entre as instituições protagonistas no campo da música de concerto no Estado, na esteira de um contexto propício



para isso na própria UFRGS. Em 1962, o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul era encampado pela universidade. Pouco antes, em 1961, o maestro húngaro Pablo Komlós, responsável pela criação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) na década anterior, fundava o Coral da UFRGS para atuar junto a formação que dirigia. O movimento coral, aliás, iria agitar o *campus* universitário nos anos seguintes com os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, que ocorreram de 1963 a 1978 e atraíram grupos de outros Estados do Brasil e países da América Latina (Teixeira, 2015). Também atuavam na UFRGS à época o Coral de Câmara da Faculdade de Filosofia e o Madrigal, regidos por Madeleine Ruffier, que dariam origem, em 1969, ao Conjunto de Câmara de Porto Alegre, dedicado à música renascentista e medieval. No relatório anual de sua gestão, em 1978, o reitor Homero Só Jobim destacaria o lançamento do LP “Música Renascentista” do Conjunto pela Universidade.

O Salão de Atos da UFRGS, que nascera junto com a rádio no final dos anos 50, firmava-se como um dos principais palcos da cidade, abrindo concertos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e de outros artistas e formações. Também nomes ilustres da cena musical internacional ali se apresentaram nas temporadas da Pro Arte, dirigida em Porto Alegre por Eva Sopher, alemã recém-chegada à cidade (Hohlfeldt, 1991).

Neste contexto, Flávio Oliveira (2007) relata que estudantes de música tinham na rádio um ambiente de aprendizagem, preparando recitais de meio e de fim de curso em apresentações no estúdio; conversando com os especialistas, escutando e consultando uma coleção de discos que chegou a reunir 18 mil vinis.

Esses discos traziam praticamente a história da música contemporânea pra cá, tudo que se estava produzindo na Europa e nos Estados Unidos. (...) Inclusive isso teve um papel muito importante na minha formação e na formação de muitos músicos, que se antenaram que aqui na Rádio havia esse material. Pra tu teres uma idéia, o material era de tanta qualidade que algumas contracapas eram de Pierre Boulez, Theodor Adorno (Oliveira, 2007).

A riqueza dessa coleção era compartilhada com os ouvintes da emissora por meio de uma programação meticulosamente elaborada e alicerçada em uma missão de formação do gosto pela música de concerto. O depoimento do programador Rubem Prates (2007), que atuou na rádio a partir de 1975 e por quase três décadas, ilumina esse ideal:



Era função de todos nós darmos um caráter didático à programação. Nós não colocávamos música apenas pra preenchermos espaço. Nós colocávamos a música com a intenção de transmitir uma forma de conhecimento, desenvolver a escuta do ouvinte e despertar nele a curiosidade por aquele autor, aquela obra.

Com este objetivo, a Rádio da Universidade se caracterizou por apresentar as obras na íntegra, e por muitos anos acompanhadas por comentários informativos sobre a composição e seu autor. Apesar da especificidade de ser um veículo que permite que as pessoas realizem outras atividades enquanto o escutam, a proposta da emissora não era servir de música de fundo para a rotina de seus ouvintes. A programação musical era pensada presumindo uma escuta atenta e interessada. Ao justificar sua preferência por veicular o repertório camerístico, Prates (2007) deixa isso claro: “Eu sempre imaginava a rádio sendo ouvida em um local confortável, sentado na sua poltrona favorita. Eu acho que a música de câmara conseguia retratar aquela situação”.

Além das gravações, a rádio transmitia concertos ao vivo, diretamente do Salão de Atos da Reitoria, do Theatro São Pedro e do Instituto de Belas Artes. Sem sair de casa, a comunidade tinha a chance de ouvir, por exemplo, as apresentações da Orquestra Filarmônica de Nova York, dos Meninos Cantores de Viena, da Orquestra de Câmara de Stuttgart e de alguns dos principais instrumentistas locais, como Jean Jacques Pagnot e Zuleika Rosa Guedes. O operador técnico Manuel Torres de Almeida (2007) recorda que, numa noite, a emissora irradiava o recital da violista Nobuko Imai no velho Theatro São Pedro, quando um *spot* de luz desabou ao lado dela. O teatro da Praça da Matriz estava em más condições de manutenção e seria fechado para uma grande reforma a partir de 1973.

Talento porto-alegrense que despontava naquele cenário, o pianista Roberto Szidon estrearia na Rádio da Universidade, em 1964, com o programa semanal chamado Brasil Musical, transmitido ao vivo, nas noites de segunda-feira. Àquela época, ele já conquistava reconhecimento no Rio de Janeiro, gravando a música de Heitor Villa-Lobos e fazendo a plateia do Theatro Municipal aplaudir em pé (Noite..., 1964). Na emissora universitária, Szidon dava vida ao Grotrian-Steinweg de meia cauda recém-adquirido pela Reitoria, especialmente para o estúdio instalado na rua Sarmiento Leite. O programa era focado na música de concerto brasileira, com especial atenção à produção contemporânea. Em 1967 o mú-



sico se transferiria para a Alemanha e passaria a desenvolver sua carreira internacionalmente e a gravar dezenas de discos para o selo Deutsche Grammophon.

Tanto o programa de Roberto Szidon quanto os de Hélio Nascimento, Armando Albuquerque e Flávio Oliveira eram redigidos e roteirizados por eles, mas apresentados pelos locutores da Rádio da Universidade, como Celestino Valenzuela e Carlos Alberto Carvalho. Apenas em meados da década de 70 os especialistas seriam autorizados a fazer a locução de seus programas. Nascimento (2019) relata que, dada a especificidade do conteúdo veiculado pela emissora da UFRGS em relação aos comerciais, eram cometidos muitos erros de pronúncia. Além dessas dificuldades, Oliveira (2007) entende que passou a ser valorizado “o jeito de falar das pessoas” e a riqueza de sentidos que outros tipos de vozes podiam trazer ao texto radiofonizado. Essa mudança ocorria em meio a uma série de transformações pelas quais passava a Universidade.

A reforma universitária e o curso de Jornalismo

Em 1970 seria efetivada a reforma universitária na UFRGS. A emissora, ligada até então ao gabinete do reitor, passou a integrar o Centro de Teledifusão Educativa. No mesmo ano o curso de Jornalismo, base de muitos dos profissionais da rádio, deixaria de estar vinculado ao Instituto de Filosofia para integrar a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. De viés tecnicista e com profunda repercussão na organização dos saberes e de seus cruzamentos, a reforma aos moldes norte-americanos faria a Universidade se dividir em departamentos e optar pelo isolamento dos *campi*, de preferência bem longe das lidas cotidianas e da agitação citadina.

Na contramão do isolamento, o Instituto de Filosofia, desde os anos 50, constituía um local de convergência da vida intelectual da cidade. O seu impacto na sociedade e o nível de excelência do professorado, com figuras exponenciais da cultura do Estado e do país, lhe garantiram autonomia dentro da estrutura universitária, vinculando-se diretamente à Reitoria no *campus* central, bem próximo ao prédio da rádio. Era uma espécie de “miniuniversidade”, polo de intercâmbio de alunos e professores, de publicações, de eventos científicos e de integração interdisciplinar. Ali estava, por exemplo, o professor de Filosofia Gerd Bornheim,



não apenas aproximando os alunos das questões de fundo da vida, mas estimulando-os para produção de crítica cinematográfica e de atuação na imprensa cultural (Lunardelli, 2008, p. 106-110).

Assistente do catedrático Guilhermino César, o professor de Literatura do Colégio Aplicação na década de 60, Carlos Jorge Appel, costumava fazer programas semanais de poesia na rádio, visitando desde o cancionário medieval português até a voga do Concretismo. Para ele (2007), a programação da Rádio da Universidade tornava seus ouvintes “mais atualizados, mais concertantes com a modernidade e menos provincianos”, ampliando a circulação das ideias gestadas na Faculdade de Filosofia e da produção artística da Universidade.

Na segunda metade dos anos 60, a repressão atingiu fortemente a Filosofia, com pelo menos duas levas de professores expurgados ou compulsoriamente aposentados. Em junho de 1968, no auge das manifestações internacionais estudantis, pelo menos 700 estudantes tomaram o simbólico Instituto reivindicando sua participação nos processos decisórios da Universidade. A derrocada ocorreu em 1969, após uma greve discente de mais de um mês, quando muitos abandonaram seus cursos (Associação..., 2008). Naquele ano, o diploma de Jornalismo passaria a ser obrigatório para o exercício profissional. A criação das escolas de Comunicação, numa política gerida pelo Centro de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal), da Unesco, determinava essa grande área como o guarda-chuva das habilitações profissionais numa proposta de formação híbrida e difusa. Assim, em 1970, definiu-se que o curso de Jornalismo, e logo depois o de Biblioteconomia, locado na Faculdade de Economia, integraria a recém-inaugurada Fabico no prédio da Gráfica, no *Campus Saúde*.

O então estudante Carlos Urbim (2010), estagiário da Rádio da Universidade desde 1969, acabou pegando a passagem do curso de três anos “nas salas com menos janelas da velha Filô” para o novo Bacharelado em Comunicação Social, com quatro anos de novas disciplinas. No meio do caminho, haveria a escolha entre Jornalismo e a nova área de Relações Públicas/Publicidade que naquele momento se criara. Trazendo a centelha acesa da Filosofia, o happening *Saco 70*, semana artística organizada pelos alunos da Fabico em 1970, agitou, pela primeira vez, um salão térreo que servia de almoxarifado, justo quando havia proibição expressa dos formatos “festivais” nas universidades do país (Schneiders, 2010).



A caixinha dos estagiários

Nos últimos anos da década de 60, da Filô e da Fabico vieram muitos estagiários para fazer sua formação na rádio e, não raro, questionar critérios editoriais e de padrão musical, defendendo a abertura do perfil de programação. Segundo Iara Bendatti (1987), integrante da primeira equipe da emissora e uma das primeiras mulheres a ocupar as redações na década de 50, a entrada dos jovens estudantes significou um “elemento renovador”. Em 1970 havia pelo menos cinco televisões instaladas no Rio Grande do Sul e vivia-se a hegemonia do grupo Caldas Júnior no setor de imprensa; a primeira experiência de transmissão do som ambiente em FM ocorreria em 1973, e os jovens de classe média já tinham sua emissora predileta desde 1971, a Continental, que tocava música brasileira e estrangeira e noticiava de um jeito irônico e muito porto-alegrense (Ferraretto, 2007; Haeser, 2007). No segmento educativo, há uma expansão do sistema estatal e centralizado de educação não formal por meio do rádio, e o Projeto Minerva (1970), de transmissão obrigatória a todas as emissoras, foi o paradigma daquele período (Blois, 2004).

Na redação da Rádio da Universidade, Bendatti zelava criteriosamente pela checagem dos dados e pelo texto rigoroso. Dentro de uma caixa de madeira em formato de meia folha A4, eram colocadas as notícias que seriam lidas pelos locutores nos intervalos da programação musical da Rádio da Universidade, textos que, não raro, exasperavam a jornalista. Em 1976, após o final do expediente, escreveu uma carta para seus jovens estagiários:

[...] Não é que eu queira ser *caxias*, paparicar a diretora, o reitor, a ordem estabelecida, o que quiserem. O problema é *profissional*. Em termos mais modestos, até mesmo de domínio da língua falada, trivial, feijão com arroz. Há verbos como *ver, poder, assistir* – conjugados sempre no mesmo tempo, em construções absolutamente iguais, em textos um ao lado do outro. Há textos iguais colocados sem intervalo ou com apenas um ou dois espaços. Há rasuras absurdas, que o locutor não pode decifrar num correr de olhos. Há informações erradas, como uma “Secretaria da OEA nesta cidade”. Há textos de apenas uma frase – quando expliquei que sempre devemos fazer, no mínimo, dois períodos. Há textos com menos de quatro linhas, capengas, esqueléticas [...] (Bendatti, 2010).



Figura 2 – A Kombi estacionada em frente à Rádio da Universidade



Fonte: Arquivo da Rádio da Universidade.

Em 1973 a equipe de jornalismo ganhara uma Kombi a sua disposição para coberturas externas, mas a mobilidade facilitada durou poucos anos. O veículo sofreu um acidente próximo ao prédio da emissora, no Túnel da Conceição (Urbim, 2007). A passagem ainda era uma novidade no trânsito da capital. Havia sido inaugurada em 1972, quando Porto Alegre era um verdadeiro canteiro de obras. Sob a administração de Telmo Thompson Flores, viadutos e perimetrais cortavam ruas estreitas e enteravam para sempre o desenho delicado do Centro Histórico. O famigerado muro da Mauá estava sendo construído para deixar a cidade segura e de costas para o rio nas décadas seguintes, enquanto arrancavam-se os trilhos dos bondes a fim de dar passagem à lógica individualista do automóvel.

Ao mesmo tempo em que ganhava fôlego, a equipe de jornalismo da rádio passou a dividir seu espaço com a Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura (Feplam), criada dentro do prédio da Rádio da Universidade, que expandia suas atividades a ponto de colocar em xeque o escopo inicial da emissora. A Feplam foi criada em 1967 no âmbito das iniciativas estatais que propunham centros produtores regionais de radiofonia educativa. Foi quando surgiu também a Fundação Padre Anchieta em São Paulo e o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (Irdeb). Se-



gundo Blois (2004), buscava-se introduzir uma postura científica nas fases de produção do rádio educativo. O advogado e cronista Nilo Ruschel, professor catedrático de Rádio do curso de Jornalismo, fez parte da primeira equipe da Feplam. Em 1963, como diretor da Rádio da Universidade, viajou para os Estados Unidos e, em 1968, para a Inglaterra e Alemanha a fim de conhecer instituições congêneres, além da televisão educativa (Daval, 2005).

Conforme registro de Iara Bendatti em entrevista (1987), por volta de 1968 a Feplam tomava conta da sala do setor de Jornalismo, causando atritos. A Fundação pagava técnicos e locutores da rádio para produzir seus programas. “Nossa programação começou a ficar um pouco distorcida”, conta Herculano Coelho (1987), primeiro administrador da Rádio da Universidade. A dimensão do incômodo foi tamanha que levou Iara e Armando Albuquerque a se reunirem com o reitor José Carlos Fonseca Milano. O resultado foi a saída de Nilo Ruschel da direção da rádio, então assumida pela jornalista Vacilia Derenji.

A rádio e o cinema

Figura 3 – O crítico de cinema Hélio Nascimento na discoteca da Rádio da Universidade



Fonte: Arquivo da Rádio da Universidade.

A relação da Rádio da Universidade com o cinema está em sua gênese. Foi com *Descobrimto do Brasil*, composição de Heitor Villa-Lobos, que ela entrou no ar na noite de 18 de novembro de 1957. A obra foi originalmente escrita como trilha para o filme homônimo de Humberto Mauro, estreado em 1937, e depois foi transformada em quatro suítes



sinfônicas que passaram a integrar o repertório das salas de concerto. Nos primeiros meses de transmissão da emissora, nasceria o programa *Cinema de Segunda a Segunda*. Inicialmente redigido pelo aluno de Artes Dramáticas Claudio Heemann, que se tornaria um dos principais críticos de teatro no Rio Grande do Sul, e depois assumido por J. A. Moraes de Oliveira, o programa ganharia especial projeção nas mãos de Hélio Nascimento, a partir de 1972. O destacado crítico de cinema produziu o programa até 2001. “É o programa que mais durou, é uma evidência que tinha ouvintes e que Porto Alegre tinha bastante gente interessada na qualificação de um processo de assistir a filmes” (Nascimento, 2019).

Durante aquelas primeiras décadas de consolidação da rádio, pode-se afirmar que a crítica cinematográfica foi vivida em Porto Alegre com a voracidade de uma paixão. Mesmo distante do centro do país, a capital ocupava uma posição privilegiada no circuito distribuidor-exibidor, tendo acesso a todos os filmes disponibilizados no mercado, inclusive os de arte (Lunardelli, 2008, p. 26-31). Para se ter uma dimensão da importância desse circuito, em 1952, quando a cinelândia se restringia aos arredores da Praça da Alfândega, a companhia americana Metro-Goldwyn-Meyer decidiu abrir o cinema Avenida exclusivamente para seus lançamentos, a exemplo do que fazia em Nova York, Los Angeles, Buenos Aires e Montevideú. Mesmo distante do perímetro central, a estreia do novo cinema com *O Grande Caruso* fez a fila dar a volta no quarteirão da Avenida João Pessoa, e as bilheterias superavam com folga as do Rio e de São Paulo (Nascimento, 2019).

A crítica cinematográfica local foi catalisada pela forte influência do Clube de Cinema de Porto Alegre, fundado em abril de 1948, no contexto do movimento internacional do “cineclubismo”. Esse movimento pós-guerra defendia a qualificação do filme como produção artística e a dimensão coletiva do assistir e debater, tendo consciência do quanto o cinema formava um horizonte histórico e cultural. Como escreve Lunardelli (2008), o “cineclubismo” foi parte essencial da sensibilidade cinematográfica em Porto Alegre, demarcando as disputas entre correntes de cinéfilos ligados ao Clube de 48 e a dos católicos do Cineclub Pro Deo, fundado em 1954 e ligado ao jornal *O Dia*.

Assim como os diversos institutos culturais da cidade – Goethe, Aliança Francesa, Cultural Americano e outros – a Universidade também fez parte do empenho para dar acesso não apenas aos títulos comerciais,



mas, sobretudo, às cinematografias alternativas a Hollywood, além de fomentar o pensamento crítico e o debate. O Salão de Atos, que contava com modernos projetores 16 mm e 35 mm da marca Gaumont, abrigaria grandes mostras internacionais a partir de 1962. Em plena voga dos cinemas novos em vários países, a abertura deu-se com um ciclo de cinema russo e soviético. Sob o espírito da guerra fria e de polarização política no país, as críticas dos católicos foram tão duras que o diretor da Cinemateca Brasileira, Paulo Emilio Salles Gomes, precisou vir a Porto Alegre para convencer o reitor sobre a relevância de realizar tais exposições. Durante a mostra houve ainda mais acirramento das críticas nos jornais, com direito à distribuição de panfletos na saída das exposições, manifestos contra e a favor... (Nascimento, 2019; Lunardelli, 2008).

À época de sua entrada para a Rádio da Universidade, Hélio Nascimento já era conhecido pela verve crítica. Ele havia ingressado no *Jornal do Comércio* em 1961, aos 25 anos, e também assinava textos para o *Correio do Povo*. Tal como preconizavam Brecht (2005) e Walter Benjamin (2015), o rádio, para ele, seria um meio de formação do ouvinte, assumindo a função de abordar a produção cinematográfica com profundidade. Para além de propagar uma opinião, a proposta de Hélio era dar subsídios para que seus leitores ou ouvintes interpretassem as obras (Corrêa, 2009). A compreensão do crítico é de que um filme não é apenas uma realização técnica, mas uma “janela que se abre para o mundo”, um ponto de vista sobre o que está acontecendo ao nosso redor (Nascimento, 2011).

É fundamental, quando se fala de um filme, que se fale de seu diretor, do seu passado, sua filmografia, os temas que ele abordava. O programa não pretendia simplesmente ser uma relação de obras, uma simples enumeração de nomes de elenco, de técnicos. Procurava ressaltar que cada diretor tinha uma obra, uma preocupação temática. Ressaltar a autoria. Era um pouco decorrente da tal da política do autor, que na época dos anos 60 e 70, vigorava muito na crítica cinematográfica (Nascimento, 2007).

Na elaboração dos roteiros, Nascimento explica ter seguido o formato de seus antecessores. Trazia os lançamentos da semana, músicas relacionadas a esses filmes ou a efemérides e, por fim, a crítica sobre a produção mais importante. Tudo isso em 30 minutos de programa, transmitidos às segundas-feiras, às 7h30min e às 13h. As informações difun-



didadas pelo *Cinema de Segunda a Segunda* vinham dos materiais informativos que as próprias distribuidoras dos lançamentos entregavam nas redações, além do recurso a publicações especializadas internacionais e de difícil acesso à época, como *Cahiers du Cinéma* e *Sight & Sound*, bem como aos jornais do centro do país. Nas décadas de 60 e 70 era uma experiência única nas rádios porto-alegrenses. Nascimento (2019) comenta que havia algo similar apenas na Rádio MEC, do Rio de Janeiro, com produção de Alberto Chatovsky, que ele ouvia pelas ondas curtas, e se inspirava.

Havia também o costume dos críticos porto-alegrenses, entre eles Hélio Nascimento, de organizar excursões de final de semana a Montevideu para assistir aos lançamentos censurados no Brasil pelo governo militar. No mesmo período, início de 1973, o Festival de Cinema de Gramado iniciaria sua tradição expositiva como resultado da força da cinefilia gaúcha, transformando-se tanto em vitrine como em reflexão sobre o cinema brasileiro durante aquela década. O primeiro vencedor foi *Toda nudez será castigada*, proibido de circular após a estreia.

Apesar de não ter recebido restrições expressas, no programa *Cinema de Segunda a Segunda* Hélio Nascimento (2019) se debruçava apenas sobre produções liberadas no circuito: “Eu sabia o país em que estava vivendo”. E, aparentemente, a censura o conhecia bem. O crítico relata um encontro fortuito no aeroporto, no final do governo Geisel (1974-1979), em que o novo censor João Bispo da Ordem o abordou para informar que a tendência era de flexibilização, e que a censura passaria a ser classificatória. Foi preciso, no entanto, esperar a promulgação de uma nova Constituição Federal, em 1988, para que se tornasse inconstitucional a proibição de um filme.

Considerações finais

Mesmo em meio a um contexto de profundas mudanças na estrutura acadêmica e sob intensa repressão à liberdade de pensamento no ambiente universitário, os anos de 60 e 70 foram de consolidação de um projeto educativo-cultural para a Rádio da Universidade. A emissora legitimava seu lugar como agente do sistema de cultura local, assumindo um papel de formação dos ouvintes, na escuta da música de concerto e no olhar para o cinema, ao mesmo tempo em que orientava e servia de la-



boratório para as primeiras gerações de futuros jornalistas com diploma. No seu DNA, visualiza-se o anseio pela expansão da crítica e do debate de ideias que emergiam a partir da mítica “Filô”, local de cruzamento de saberes posteriormente separados.

Nascida em um período de pujança da universidade, na gestão de Elyseu Paglioli (1952-1964), a Rádio da Universidade chega ao final da década de 70 com deficiências técnicas e de recursos humanos (Universidade..., 1981). A crise do petróleo, em 1979, também obrigaria a UFRGS a rever o funcionamento da emissora com gerador movido a óleo diesel. Os transmissores são, então, retirados da Ilha do Chico Inglês, no arquipélago em frente à cidade, e transferidos para outro município com energia elétrica, Eldorado do Sul, onde se encontram até hoje.

Com a aprovação do Conselho Universitário, é adquirido um transmissor de 10 Kw em abril de 1979. Assim, a emissora ganharia maior alcance, penetrando em outros estados e países fronteiriços, e ampliaria o período de transmissão, das 7h à 1h da madrugada. Neste contexto, um grupo de trabalho seria designado pela Pró-Reitoria de Extensão para reestruturar a programação (Universidade..., 1979).

Terminamos aqui este segundo movimento de leitura e sistematização de dados pelas mais de seis décadas de história da Rádio da Universidade. Ao trazer à tona a voz arquivada dos primeiros trabalhadores, buscando interpretar fragmentos e vestígios da história singular de um veículo na sua relação contextual, esperamos concretizar uma pequena contribuição para uma história cultural que ainda deve ser prosseguida e aprofundada.

Referências

ALMEIDA, Manuel Torres de. *Manuel Torres de Almeida*: depoimento [2007]. Entrevistadora: Sílvia Secrieru. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (29min). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

APPEL, Carlos Jorge. *Carlos Jorge Appel*: depoimento [2007]. Entrevistadora: Rejane Salvi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (até 10min17s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Universidade e repressão*: os expurgos na UFRGS. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.



BENDATTI, Iara de Almeida. *Iara de Almeida Bendatti*: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (1h2min3s). Arquivo da Rádio da Universidade.

BENDATTI, Iara de Almeida. Queridos e inolvidáveis estagiários. In: *Memórias da Fabico*: 40 anos. Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fabico/a-fabico/historico/arquivos-do-livro-digital-1/documentos/iara_bendatti. Acesso em: 24 jun. 2020.

BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças*. Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo: uma escola de vida e cidadania. In: BARBOSA Filho, André; PIOVENSAN, Angelo; BENETON, Rosane. *Rádio sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDISTSCH, Eduardo. *Teorias do rádio*. Textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. V. 1.

COELHO, Herculano. *Herculano Coelho*: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (1h3min7s). Arquivo da Rádio da Universidade.

CORRÊA, Vanderson. Cinema: uma vida dedicada à crítica. *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 27 ago. 2009. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=6642> Acesso em: 27 jun. 2019.

DUVAL, Adriana. *Retratos sonoros*: “imagens” radiofônicas de Nilo Ruschel sobre o urbano gaúcho de 1937. Vol. II. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2005.

FERRARETTO, Arthur. *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul*. As emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

GOLIN, Cida; FREITAS, Ana Laura Colombo de. A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da Rádio da Universidade (UFRGS). In: ALBUQUERQUE, Eliane; MEIRELES, Norma (org.). *Rádios universitárias*: experiências e perspectivas [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019. p. 146-164.

HAESER, Lúcio. *Continental*. A rádio rebelde de Roberto Marinho. Florianópolis: Insular, 2007.

HOHLFELDT, Antonio (org.). *Doce fera*: fragmentos biográficos de Eva Sopher. Porto Alegre: Opus, 1991.

LUNARDELLI, Fatimarlei. *A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; Editora da UFRGS, 2008.



- NASCIMENTO, Helio. *Helio Nascimento*: depoimento [2007]. Entrevistadora: Rejane Salvi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (16min46s até 24min28s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.
- NASCIMENTO, Helio. In: GLORIA, Rafael. *Esse homem é um crítico de cinema. Nonada*, Porto Alegre, 21 jun. 2011. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2011/06/esse-homem-e-um-critico-de-cinema>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- NASCIMENTO, Helio. *Hélio Nascimento*: depoimento [2019]. Entrevistadores: Ana Laura Colombo de Freitas e André Grassi. Porto Alegre, 26 mar. 2019. 1 arquivo mp3 (1h35min21s). Arquivo da Rádio da Universidade.
- NOITE de 12 de março foi ponto mais alto do ano: inauguração do “Auditório”. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 31 dez. 1964, p. 6.
- OLIVEIRA, Flávio. A quem pertence a UFRGS? In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvone T. *UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994. p. 108-113.
- OLIVEIRA, Flávio. *Flávio Oliveira*: depoimento [2007]. Entrevistador: André Grassi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (36min37s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.
- PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS: 1999.
- PINHO, Jacy; ARAÚJO, Cremilda de; GUENDELSMANN, Esther; PINTO, Eduardo; FONSECA, Ney. *Universiade 63. Revista do Globo*, Porto Alegre, ano XXXV, n. 855, p. 26-49, de 14 a 27 set. 1963.
- PRATES, Rubem. *Rubem Prates*: depoimento [2007]. Entrevistadora: Rejane Salvi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (de 20min57s até 32min30s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.
- SCARINCI, Carlos. *A gravura no Rio Grande do Sul*. 1900-1980. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- SCHNEIDERS, Ricardo. 1970: Um saco!?! In: *Memórias da Fabico: 40 anos*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fabico/a-fabico/historico/arquivos-do-livro-digital-1/documentos/ricardo_schneiders_2. Acesso em: 24 jun. 2020.
- SCHIRMER, Lauro. *A hora*. Uma revolução na imprensa. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- SOARES, Mozart Pereira; SILVA, Pery Pinto Diniza da. *Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. *Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978)*: práticas músico-educativas de coros, regentes e plateia. 2015. 262 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório 1979*: [gestão reitor Prof. Homero Só Jobim]. Porto Alegre: UFRGS, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Pró-Reitoria de Extensão. *O papel da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: uma pesquisa de audiência e de opinião*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

URBIM, Carlos. Um repente na Fabico. In: *Memórias da Fabico: 40 anos*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fabico/a-fabico/historico/arquivos-do-livro-digital-1/documentos/carlos_urbim. Acesso em: 24 jun. 2020.

URBIM, Carlos. *Carlos Urbim: depoimento* [2007]. Entrevistadora: Silvia Secrieru. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (40min55s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

URBIM, Carlos. Um repente na Fabico. In: *Memórias da Fabico: 40 anos*. Disponível em <http://www.youblisher.com/p/226556-Memorias-da-FABICO-40-anos/>. Acesso em: 27 jun. 2019.

ZUCULOTO, Valci. *A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras*. 2010. 242 f. Tese. (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, 2010.